

Semanário de caricaturas e humorístico

Propriedade da Imprensa do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL

38, Rua da Conceição da Gloria, 30



SUCCESSOR DO JORNAL «O ALUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Cães que mostram os dentes



STUART
CARVALHO
1911

Cães por cães, antes me quero com estes que veem para mim a passo, do que os do Paço, que mostram os dentes de longe.

Dedicado ao anniversario da Revolta do Porto, contendo os retratos de «João Chagas», «Major Coelho», «Capitão Leitão» e «Alferes Malheiros» e dos martyres «Buiça» e «Costa». Colaboração esmerada. Impressão a 4 cores.



Muita gente imaginou, lá por terem de saber de Portugal as irmanzinhas dos pobres, que aquella albergue de velhos, iria acabar de vez e os pobres velhinhos ficariam para ahí ao deus dar, a morrerem de fome e de frio por essas ruas de Lisboa.

Pois tal não succedeu nem succederá, porque como se sabe, já se formou uma direcção ou commissão, encarregada de olhar por elles, e o estabelecimento continuará a funcionar como até aqui, se não fór melhor.

Sim, porque aquillo, apesar de ser um estabelecimento de caridade e de protecção para velhos de ambos os sexos, nem por isso primava muito pela tal caridade e carinho, que até certo ponto devia haver para gente já ao ultimo quartel da vida.

Parece até que havia um desejo occulto em que elles desaparecessem o mais depressa possivel do numero dos vivos, para admittirem outros ou para se verem livres dos que lá existiam.

Se assim não fosse, não faziam levantar os pobres velhos, no inverno, ás 4 horas da manhã, atravessar aquelle pateo que vai dar á igreja, para irem ouvir missa todos os dias, e fazer rezas por alma d'estes e d'aquelles, que naturalmente lhes dá tanto abalo como a nós quando o imperador da China está constipado.

E os velhos coitados, quasi sem se poderem mexer, a tritarem com frio...

Agora crêmos bem que tal não succederá.

Sempre haverá mais caridade e respeito por aquelles que estão já á beira do túmulo, e todos se devem lembrar que hoje por vós, amanhã por nós.

Pois não é assim?

As irmãs lá embarcaram para Inglaterra e França, e tão castas quizeram ser até ao fim, que, até o barco escolhido para as transportar, foi o *Hylario*, nome do santo, que segundo diz a lenda, está á porta do céu a receber as virgens, afim de lhes dar o castigo merecido...

Mas, fôssem ellas no *Hylario* ou fossem n'outro qualquer, que se foram... é certo. E tanto que alguns *thalasseiros* mais farraños, ainda protestaram, mas foi o mesmo que nada... porque ellas foram sei...

Decididamente estas coizas já não estão para o século de luzes... apagadas como o actual, em que os gazomistas se põem em grêve logo em seguida aos ferro-viarios, de maneira que só temos lido luz... de noite, até ás duas ou tres horas da manhã, e com muita surt andamos em a velha lua se lembrar da gente, e lá do alto illuminar a terra, senão...

Era para ali facinhada por essas esquinas, que tremia tudo.

A' hora a que escrevemos, parece com-todo estar terminada a grêve, mas parece tambem que d'esta vez os grevistas não levaram a melhor.

Os ferro-viarios, esses sim, apanharam a queijada toda, e por isso lhes damos os parabens.

...

Tambem o Zê tem hoje o prazer de em-bandeirar em arco, porque traz nas suas paginas centrais, o retrato do seu amigo Dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior e um dos vultos mais importantes do governo da Republica Portuguesa.

Antonio José, sem doutor, é umas natas, com doutor e tudo é um *dólo d'amor*.

Com alma até Almada e de Almada até Almeida, é elle um coração de ouro com marca de lei, que o povo adora e respeita, acatando a sua palavra como sendo a ultima palavra da Republica.

O Interior regosija-se por ter no seu interior um ministro com um interior d'estes, e o Interior do ministro tambem idem, idem na mesma data, por uma Republica feita á sua imagem e semelhança.

Tanto elle como os outros ministros que formam a cadeia governamental, são tão cordatos, que até hoje ainda não mandaram para a cadeia, aquelles que bem mereciam lá estar pelas falcatruas praticadas nos diferentes Creditos Prediaes, encontrados a rôdo, por todas as repartições do Estado e pelas quaes se vê o estado em que todo isto estava?

Como escravo da sua palavra Antonio José, chega a sacrificar os seus proprios interesses, como ha pouco succedeu quando foi de grêve dos caixeiros, que esteve a ponto de sahir do Governo por não poder apresentar o decreto que regulava as horas de trabalho d'estes.

De uma vontade de ferro, uma saude de ferro e um temperamento de ferro, o dr. Antonio José d'Almeida, é, sem contestação, o verdadeiro homem de ferro da Republica, e é por isso que elle está para a Republica, assim como a Republica está para elle.

Que o nosso amigo nos perdõe se passamos além da Taprobana da sua modestia, mas... a Cezar o que é de Cezar.

NOTA DA CHRONICA:

—E' verdade ser aurda a tua noiva?

—Como uma porta! Quando lhe fiz a minha declaração de amor, tive de gritar tanto, que as vizinhas acudiram a vêr o que tinha succedido.



Ao Doutor

Antonio José d'Almeida

E' Filho do Amor e da Bondade.

Tem por avô o velho e dóce Bem;

Sabiu no gênio, a sua santa mãe

E tem do pae, tambem, a Lealdade.

A alma, peregrina raridade,

Sensivel, chora sempre ao mal de alguem.

Despreza o Cinismo e o Dadeim

E vive á luz brilhante da Verdade,

Caracter consagrado á Rectidão,

Esculpido n'um bondoso coração.

Es tudo quanto elle em si encerra

Amado pelo povo até á crença!

Figura magestática, immonsa

Que ama com ardor a sua terra!



LA SE FOI O MONOPOLIO...

O' seu Castanheira de Moura, então já começa a levar a sua castanha, hein?!

E você que se julgava tão importante.

POESIA ORIGINAL

Talvez um pouco alazada, por causa da greve ferro viario—n' qua muito lamentamos—recebemos da liberal cidade do Porto a seguinte poesia, que publicamos tal qual como a recebemos sem lhe alterar uma virgula, para não lhe tirar o pitoresco e o sabor... tripeiro.

Limpesa

Precisava-se d'uma Revoluçã
Cá na cidade do Porto

Cortar o podre e deixar o são
Endireitar isto que anda muito torto.

Cortar a cabeça a um cento de thalacças

Enforçar dois centos de pulhiças.

Matar tres centos de jesuitas

Assasinar quatrocentos de parasitas.

Dar cabo de quinhentos falsificadores

Fazer desaparecer seiscentos difamadores

Ao todo são dois mil e cem os auctores.

DELFIN DE FRITAS (Amador).

Porto, 15-1-1911.

Ora aqui estava uma boa occasião, para fazer uma tachada de tripas com arros!!



Foi um ar que lhe deu

O Castanheira de Moura a julgar-se já dono d'isto, e o governo atirou-lhe com o monopolio ao cano!

Andem-me com ella!



A' Thalassaria

1

Pairando sobre nós os tumbas miseraveis,
Occultos no boato, envoltos na mentira,
Chamando ás trevas luz, morecos exorcizaveis,
Poetas do Rancor a quem o mal inspira
Poemas da navalha ao canto da viola
Em perfido calão cantados á guitarra
Por certos malandrins de mizera farpella
Bolsando insidias vis em meio da algazarra,
Ligórios, rufões de feio acto e gesto,
Nobreza mercantil, fidalgos de cabresto.

II

O' lá, da esturdia vil que rege o brodio crasso;
Cessai do fungádo o réles zambumbar;
A vossa protalhada, fóra do compasso
Metteu-se no *bridi*, não pode mais soprar
A velha trompa liza out'ora festejada
Em sólos infernaes de regias soareces,
Nas arias sensuaes da cahia doorada
Aonde um gordo rei fazia rapagões,
Largando a certa dama um beijo sorrateiro
Bem perto de marido, o manso conselheiro.

III

Porém tudo mudou, machuchos histriões,
Cessaram gerarchias, ale d'empolados
Cessaram manigancias, ocos goulrões,
Sebentos manequins, hypocritas, saíados!
Já corre um outro ar, melhor, consolador;
E' livre o cidadão, venera-se a Justiça;
Prefere-se adorar a Patria com amor
Ao velho cantochão, ás predicas da missa!
O sol que nos dá luz, immenso de pureza
Até aquece mais a terra portugueza!

IV

A mesma que vos deu a forma e o ser,
Num rasgo generoso a vida vos poupou,
E vós, oh! raça vil! Viboras! a morder
O peito bemfeitor que a si na chegou!
Que nome deveis ter? E' pouco o de traidores!
Vendidos d'uma raça? Escoria nauseante?
Buboes de especie rara? Ageis corruptores
Servindo um parvo rei, um mumia ignorante?...
Sumi-vos almas vis, figuras do avesso,
Que a Patria seguirá a Luz e o Progresso.

STTL

Casos bicudos

De quantos povos ha pensando por essa terra fóra sofrendo por esse mundo «de Christos», cremos que deve ser o nosso o mais roubado, o mais espolhado, pois nos custa a crer que um «Zé» possa ser mais explorado do que este.

Elle é monopolio, sindicatos, companhias, e toda a sorte de roubalheiras com os mais pomposos nomes. De preferéncia, aproveitam para explorar, os generos mais necessários á barriguinha do «Zé». Negociam com tudo o que nos faz falta, para enriquecer á custa da fome.

Monopolio do pão, monopolio da agua... O' filhos, façam tambem um monopolio do ar! Mettem o ar em contadores e encanem-o para os nossos pulmões, a tanto por cada metro cubico e mais seis vintens pelo contador, como aquella refinadissima pouca vergonha da Companhia das Aguas, que nos faz pagar o contador durante toda a vida, para por fim ainda ficarmos sem elle!

Grandissimos tratantes!
Refinadissimos honrados!!
Então se em Coimbra se tem a agua barattissima, para não fallarmos nas cidades estrangeiras onde ella é á discreção para todos, porque não podemos nós ter aqui na «ishia» amada, tambem mais «baratuncha»?

Se em Londres, na monarchia ingleza, um desgraçado, um faminto, tem um kilo de pão por 36 réis (olhem que nem chega a trez vintens...) porque havemos nós de dar aqui ao sr. Castanheira de Moura, nada menos que quatro vintens?

Não falemos já nos tabacos que enriqueceram o Burnay e todos os seus immorralissimos collegas; não citemos, já agora, o Hinton que se encheu a faltar com o negocio da aguardente... Não fallemos d'estes que vivem dos vícios, que enriquecem á custa das miserias alheias...

Falemos simplesmente nos phosphoros, n'esse chorudo negocio, n'esse pingue mazo, que tem feito as mais fabulosas fortunas.

Compra-se em Lisboa uma caixa d'onde os phosphoros fizeram grêse na sua maioria, (e aquelles que a não fizeram, não tem cabida, para não pagarem nada...) Compra-se uma caixa de «palitos», que no interior nos faz lembrar os destroços d'uma batalha, com os paus partidos para um lado e as cabeças para outro, por nada menos que dez réis.

Pois por dezoito réis, em Londres, onde não existe a roubalheira do sindicato, onde a industria é livre, compram-se nada menos que dez caixas!!

E' para isto que nós queremos que o governo olhe com olhos de ver, dando cabo de todos os «sindicatarios» e monopolistas sem do sem compaixão, que a Republica foi feita pelo «povo» e para o «povo», e o «Zé» tem fome, muita fome!

Façam isto, ricos governantes, deem um chagão a valer nesses «magicos», se querem sentar-se no altar do nosso coração eternamente agradecido.

Sejam democraticos até esse ponto, que a democracia da barriguinha cheia e cosnobida, é a mais bella aspiração da humanidade encravada!

Nós queremos perguntar aqui, a toda essa gente que grita e berro por esse paiz fóra, levantando os braços ao céo, para os deixar cahir como um atafema sobre as greves; nós queremos perguntar a toda essa gentinha escamadi-nha da costa, se são só os operarios grevistas que causam embaraços á nossa gentilissima republica?

A greve é uma questão entre duas forças; d'um lado estão os que muito produzem e pouco ganham; do outro lado encontram-se os que pouco ou nada fazem e muito recebem.

Os primeiros negam-se a trabalhar enquanto os segundos não repartirem com elles um pouco do muito com que se «abotoam».

Esses recusam-se cismarramente, uzurariamente, a cortarrem alguma coisa nos fabulosos orçamentos, com que pagam a engenheiros que nada «engenharam» e a directores que nada «dirigiram».

São pois duas forças a recusarem-se, a persistirem n'aquella anormalidade, que dizem prejudicial para a nação.

Digam-nos lá: qual das duas podia ceder? Qual d'ellas, não querendo causar difficuldades á republica, podia ceder mais depressa?

Eram os humilhes operarios ou os poderosos capitalistas?

Deixem-se pois de lançar as culpas apenas nos mais pequenos, porque isso não é justo, nem democratico!

Se os grevistas, que não são mais do que o povo a querer suavisar a sua pessima vida, vos merecem mortas, o que merecerá uma companhia uzuraria, que como esta do Gas, dizendo não poder ceder ás reclamações dos operarios, podia no entanto, estar a metter pessoal antigo,

pagando-lhe fêria superior á que recebia o pessoal grevista?!

As culpas todas no «cartorio» do mais pequeno, isso é que não!

E se a vossa gritaria contra as greves, é com pena dos parrotos e das companhias, coitadinhas, então não berrem nem chorem, que tudo se arranja!

Faz-se um bando precatorio a favor dos pobresinhos, dos desgraçados dos patrões!!

Vimos ha dias na redacção do jornal «O Mundo» uma commissão de conductores de machinas da armada, que se ia queixar, porque lhe querem tirar algumas regalias de que gosavam já no tempo da monarchia.

Vejam lá se isto não dá vontade de a gente fazer uma chiada de todos os diabos? Então a republica que todos tem feio subir, a republica que reconheceu oficialmente os sacrificios feitos por esta classe (e seria injusta se tal não fizesse) a republica em lugar de os galardoar como a tantos tem feito, ainda os vae prejudicar?

Ora bolas!

A velhinha de «A Nação» que conta nada menos de 74 annos, ao negar que o D. Miguel estivesse em Pau, chama-lhe o «Senhor D. Miguel de Bragança» O Augusto Representante da Legitimidade Portuguesa!...

Ena pae! Que coisa tão comprida e que data de letras grandes!

Então o miguelismo tem alguma coisa de «legitimo»?

Essão a legitimidade, não é a vontade do povo?!

Ora muito nos custa, para o que lhe havia de dar a velhice, sr. Dona «Nação»!!

Vn.-sr. GREGO.

O poema da rua

VII

Em que o auctor encontra um objecto muito exquisito, muito misterioso, e que só vem a dizer o que é depois de uma linha de reticências.

Tinha a forma e a côr d'um violino De proporções enormes, na verdade Quando o vi—Pae do Céu!—senti vontade De lhe extrahir um mavioso hymno.

E eu, que desde o tempo de menino Audo em procura d'uma raridade, Ao ver um tal objecto—que vaidade! Bem disse com furor o meu destino!

Mirei-o, remirei-o... do ônal Vi que era todo branco interiormente; Isto aqui para nós: cheirava mal...

Tal coisa eu nunca vi—por minha fé! Mystério? raridade aurifolgente?

..... Nada d'isso; leitor, era um bidet!

MANUEL CHAGAS, (Pardieto).

E' capaz d'isso!

Um cavalheiro que se apregoa carbonario como quem apregoa agriões, chama thalassa ao nosso collega Alberto Barbosa (Rei Luxo).

De aqui a pouco, chama thalassa ao proprio dr. Antonio Zé d'A meida!

Ora bolas

Os bolos aos domingos são considerados generos de primeira necessidade.

Ora o diabo não tem somno...

PHANTASIAS

Por nos ter chegado demasiado tarde, não pudemos publicar esta secção de que pedimos desculpas aos nossos leitores e ao nosso collega «Bu proprio».

Adeus ó gajada

Vou trocar a farpella de paizano
Pr'um grosso fardamento de magala.
Vou trocar o colchão que me regalla
Por um duro euzergão bem deshumano.

Vou trocar o coute, a minha sala
Por grande quartel assaz parrano
Vou trocar o penante todo ufano
Por um simples boné de larga palha.

Vou trocar os meus bates de pelica
Por uns taes alcatruzes—coisa rica
Que me vão pôr bastante atrapalhado.

E assim tão bochechudo e pequerrucho
Com uma larga fardeta de galucho
Eu vou ser um boneco numerado.

Zé LIXEU

Foi um adeantamento

Pergunta a Republica quem foi que roubou o punhal florentino que havia nas Necessidades.

Ora quem havia de ser? Foi o D. Manuel.

Aquillo era costume antigo na familia!...

Já aqui não estamos bem

Um cidadão que se diz carbonario (tambem esteve na Rotunda, com certeza...) ameaça o nosso collega republicano «A Revolta» dizendo-lhe que «já viu as barbas do visinho a arder...»

Depois de assaltarem os jornaes thalassas, ameaçam os proprios republicanos.

Se todos os carbonarios fossem d'esta força, eram capazes de assaltar «O Mundo»! Ora o maluco!

AO EX. SR. DR. CASTANO BEIRÃO

Dê ordem, meu doutor, ao seu servente,
Pra ter bem limpa a peana e o tinteiro;
E na pap'leta 'screva mui lampeiro,
—Podes saber Osorio in continent!—

Mas não o faça agora que é janeiro,
Se não o mulheiro vê se bem quente,
Que eu apezar de velho sou ardente,
E graças ao Zé Relvas ha diheiro!

Desejo, pois, só ver o carnaval,
Que este anno deve ser muito engraçado,
Se metter peixe-espada marcial,

E dar ao mesmo tempo um forte brado,
A quem tão bem dirige Portugal,
Que a todas as potencias causa agrado!

Hotel Riibafollense 10-1-911.

ALFREDO OSORIO (Maluco-Mór).

Grandes gulosos!

Quem tiver fome ao domingo, coma pastel!



Homenagem ao Dr. Antonio José d'Almeida



—Que cara que vocemecê traz hoje, senhora Rita!... Vem zangada?
—Não é zanga, é susto.
—Susto?!... De quê?
—Ora de que ha de ser?... De todas estas coisas que para ahí se dizem.
—Mas que se diz, mulher?... Eu não sei nada!...
—Então não sabe que, brevemente vamos ter outra revolução?
—Que me diz?
—É verdade... E agora ainda é mais terrível que a da Republica.
—Ora essa!... Mas conte, diga para ahí o que sabe.
—Então não leu que o D. Manuel, mais o Sovoral, veem ahí levantar isto novamente?
—Serio?...
—Já lhe disse!... Agora é que a coisa é seria.

—O' senhora Rita, por alma dos seus defuntos, não me diga mais tolices!
—Pois sim, chame-lhe tolices, mas se o Sovoral quizer fazer alguma...
—A mim, não que eu hei de tomar conta, agora a outras pessoas... pôde ser.
—Veja lá se se lembra o que disse a D. Amelia quando sabiu da Briceira!... aquelle *até á volta* levou agua no bico.
—Ah!... ah!... ah!... Deixa-me rir!... O que levou não foi agua, não!... Foi raiva de não poder enforcar meia dúzia de portuguezes, como era seu desejo, mas... *parou-lhe o cão na carreira*...

—Pois sim, mas também se o D. Manuel não vem por ahí abaixo, então o outro pretendente com certeza que mette pernas ao caminho.

—Qual pretendente?
—O D. Miguel!
—O quê?
—O D. Miguel, repito. Jolga que elle já perdeu a esperanza.
—Ai... esse coitado pôde até perder não só a Esperança, como o chafariz da dita, que não tem a dita de cá metter o nariz.

—Ora... eu sei!...
—Descance... essa lhe juro eu!... E com respeito ao outro, até estiou capaz de apostar, em como qualquer dia, o nosso Governo recebe por ahí alguma carta d'elle, cheia de agradecimentos por o terem livrado da estopada de reinar.

—Que me diz?
—E até me parece que a carta deve dizer pouco mais ou menos isto:

«Meus caros inimigos: Estimo que ao receberem esta, estejam de perfeita saúde, pois a minha felizmente é boa graças a Deus.

«Tem esta por fim agradecer-lhes o favor que me fizeram de tirar-me do lombo o enorme cargo de governar mal e porcaamente um povo, que se governa melhor sem mim do que com mim. Assim vivo mais descansado e sem receios de que me aconteça o mesmo que aconteceu a meu augusto pae. Tenho os dias mais livres, tenho dinheiro em barba, e sem al... barba goso até cahir... de qualquer forma, menos na esparrela de tornar a subir ao throno.

«Lamento apenas que tivesse morrido tanta gente, e se me tem salado ao ouvido, a coisa fazia-se a contento de todos, e sem correr sangue.

«Repetindo os meus agradecimentos, permitam que assigne de vós amigo certo, etc.

Manuel.»

—Ora!... Isso pôde lá ser!?...
—Até ver não é tarde.
—Pois eu estou em dizer que o D. Manuel ainda é capaz de entrar...
—Aonde?
—Aqui... em Portugal!
—Qual historia!...
—Ora... ora... ora!...
—Entrar?!... Elle?!... Só se fôr empurrado por traz!...

ARIEL.

PIADAS DE ESCOLA

Ahi, seu Ulysses!
Diz-se por ahí á bocca cheia que mestre Ulysses vae intentar acção judicial contra a casa Larousse por esta teimar em traduzir os artigos *originaes*, que tanto trabalho deram áquelle.
Nunca as mãos lhe doam, seu Ulysses, chegue-lhe...
Pelo caminho que as coisas levam o sr. Larousse é também capaz de se inculcar como fundador de Lisboa...
Ha coisas que só a *machado*...

O Vira

Sae no dia 28 de janeiro o primeiro numero d'este collega humoristico, com uma gravura allegorica ao movimento de 28, e um folhetim intitulado: Como se fez a Republica, contado por uma sopeira de cabelinho na venda.
Longa vida, lhe desejamos.

COISAS E LOISAS

Ja subindo o Chiado,
Que é também Rua Garrett,
Quando vi embalsacado
O nosso impagavel Zé,
Por alicunha o Zé Pasmado.

A's portas da loja eu via
Mais d'um caixeiro, a espreitar.
Tudo assombrado parcial...
Puz logo o nariz no ar
Para saber o que havia.

Juro aqui por minha fé
Que dava voltas ao *cáco*:
Seria algum *chimpanzé*?
Seria o homem macaco?
Talvez fosse um jacaré!

Seria a mulher electrica?
Ou o gato côr de cereja?
Tive das bruxas inveja...
A coisa era talvez letrica.
Seria o bispo de Beja?...

Soube depois com pericia
Que o espanto do nosso povo,—
Ora vejiam que delicia:
Era um *chefe* da policia
Com fardamento já novo!

MANOEL CHAGAS.

São damnados

Um sabio russo descobriu o «olho electrico» para ver no fundo do mar e da terra. O' filhos vejiam também se inventam um olho, com que se veja até ao fundo dos cens, para a gente ver se sempre é certo estar lá o barbaças do Christo...
Havia de ser giro...

Jose Stuart Carvalhaes

Procurando corresponder ao carinhoso acolhimento que o publico tem feito ao nosso jornal, e como *guarda avançada* de futuros melhoramentos, publicamos hoje na nossa primeira pagina, um trabalho assignado por este nome, que tantas obras artisticas tem rubricado.

De elogio nem uma palavra lhe damos, que é o mais justo que se pôde fazer a quem, como elle as não necessita.



—Que o D. Miguel de Bragança
Inda alberga alguma esperança;
—Que essa esperança natural
E' de vir p'ra Portugal;
—Que o papá de sua alteza
Tambem teve essa fraqueza;
—Que d'essa esperança viveu
E co'essa esperança morreu;
—Que o esperancoso d' o filho
Seguirá o mesmo trilho,
—Que ha mais um esperancoso
O menino radioso!
—Que o D. Alfonso tambem
Tem esperança, e mais a mão;
—Que a mamã do radioso
Tambem espera, é forçoso;
—Que estes palermas que esperam
De esperar não desesperam;
—Que ha falta de alguns tosiões
Ha quem viva de illusões;
—Que pois aos pobres Braganças
Deixem os viver d'esperanças!!

Cresce ou não cresce?

Os jornaes chegam-se a não entender com respeito á epidemia da Madeira. Andam ha tempos a dizer que decrece, mas ainda não decreceu de todo.
O' filhos, vejiam la se se entendem...
Se cresce, cresce, se não cresce, não cresce... e prompto!!

Dá-lhe abalo?

Um collega diz que na imprensa reputa não tarda que as comadres se zanguem.
E o collega a relar-se...

Tiro ao alvo

A um diario thalassa

Dizias com maldade umas chataças
De a gente até deitar as tripas fóra,
Defendias os vilões a toda a hora,
Que haviam feito roubos e trapaceas.

Pertencias á tropa dos thalassas
E o Zé fez aos teus bens uma penhora.
Por isso, rico filho, grita e chora,
Não fazes ao Governo mais negações...

Não dizes, nunca mais, porcas asneiras
E em troca das pojeiras marotieiras
Apanhas do juiz a rude sanha...

Vaes gramar alguns mezas da prisão,
Porque, afinal, meu parvo thalassão
Tu eras um correio... mas da manhã!...

CARBONARIO.

Aguas passadas

V

A «grêve» dos caixeiros, justa nas suas reclamações, mas censurável por extemporaneidade, teve as suas notas hilariantes e irrisórias, devido à inexperiencia dos rebeldes...

—8 horas de trabalho, isso é para mim uma mina! De manhã não ha freguezia, os «dorminhocos» dos burguezes levantam-se tarde, portanto desde a abertura do estabelecimento até ao meio-dia lê-se «O Mundo», escreve-se a «pega» e passa-se pelo somno... Do meio dia até à 1 vae-se ao lunch. D'ahi até às 4 horas servem-se os poucos freguezes, furtando a cada hora um quarto para fumar, outro para ir á «reirete», outro para falar ao telephone, outro para diversas miudezas. Resultado zero! Tinha razão o velho Castilho: —«Trabalha meus irmãos que o trabalho...

—Um patrão a quem os caixeiros haviam abandonado na manhã da «grêve», viu-se ás «ranhas» para servir umas freguezas que o diasputavam:

—Então? a minha renda?
—Oh! minha senhora, desculpe, não tenho mãos a medir...
—Meça mesmo com os pés que são de bonito tamanho...

—Nota de domingo:—O nosso «Mazzantini» dos «Armazens do Chiado» mandou chamar por um gallego, a sua queridinha, ás 8 da noite para irem juntos ao «Terrace».

O gallego:—Baia que me não contém recordos d'essa! Xai-me de lá do quarto da gaza um figuron que pareça um touro... Xempre tinha umas beatinas!...

O Mazzantini:—E a menina?
Gallego:—Diz que vi p'rá greve que ella já não bai n'isso... Está no descanso... com o tal gaxo!

Telegrammas dizem que o senhor Dom Miguel está em Pau, fronteira hespanhola... e que pretende... Em Londres, está o «pião» Dom Manuel e não deixa decerto de pretender... E afinal estão no seu direito. Todos pretendem. Pretendem os que fizeram a Republica, pretendem os adherentes e os «adhescivos», pretende a padre Matos, pretende até o paiz inteiro, pois, segundo disse Machado Santos, toda a gente esteve na Rotunda!...

Quem é que não ha-de pretender?... Pretendem os carroceiros, pretendem os gazomistas, pretendem os ferro-viarios, os caixeiros pretendem o descanso «umbilical», de accordo com as crendas de servir; as «iravadinhas» pretendem andar nuas para a proxima estação!

Todos, sem duvida, pretendem; mas esta questão de pretensões leva agua no bico e ainda vae dar que falar... Olaria!...

Por exemplo: a dos pretendentes á corôa... D. Manuel perdeu a cotação no mercado e hoje quem está no espirito das «canastras» é o senhor D. Miguel. Porquê?

Por causa da Gaby!... Gaby Deslys, como todos sabem, é uma «cote» da alta que se perdeu d'amores pelas regias algebeiras do «Tumbá». Deposto, o ex-rei, errante pelo exilio, sem «chêta», sem honra nem vergonha, encontrou por amparo o amor forte d'uma actriz parisiense.

Nas mulheres perdidas encontram-se ás vezes dedicações sem par: e a dedicação da Gaby subiu a ponto de pôr «por conta» o senhor D. Manuel!

Ora isto é escandaloso! —Um pretendente «Chalo», berram as «canastras»: não foi da educação que recebeu de sua mãe, que tão religiosa é, benza-a Deus! Antes senão o D. Miguel que dizem ser tão preñado! E tezinho... vejamos como elle está em «Pau»... Tezo! Tezo!...

Por causa das pretensões da Gaby, perdeu a pretensão o pretendente.

Por causa das pretensões do pretendente, perdeu o pretendente a corôa dos seus avós...

Por causa das pretensões dos ferro-viarios, aguçaram o dente varias egreginhas de pretendentes «thalassas»...

Por causa das pretensões dos caixeiros, pretendem fazer «grêve» as meninas do quarto andar, suas illustrres pretendidas...

Por causa das pretensões dos pretendentes e das pretendidas, andavam pois todos a pretender caceir!

Todos pretendem, todos pretendem... Até eu, até eu pretendo ali da visinha, que sempre tem umas pretensões... e é da «trama»!

HENRIQUE DE CARVALHO.

Excentricos

O menino fino

De casquinho á moda, bem cintado
Rival dos laes vestidos á imperio,
Chapea á lazarista triste e serio
E calças de lunanle arrufado...

Alto, fino, dengoso, ameninado;
Ninguém lhe vae á mão no dispausterio
Quando ralha com furia, sem criterio,
Do mundo que vae torto é muito errado...

De monocolo em riste sem descaço,
Parado longas horas de ripanço,
Empalando o fino mandria o pobre Zé,

Quereis vir do casquinho? Ide lá vel o.
Amparando os bumbraes do Café Gelo,
Onde nunca tomou nem um café!!

Viu-se GREGO.

O bom julgador...

Diz um jornal talassaz:
«Continuamos como até aqui com eleições forjadas no ministerio do Interior.»
Sim? E quem lhe disse?
Ora o patife!...

Era só o que faltava

Ha quem espera (diz um collega) ver muitos ministros que foram da monarchia, voltarem a ser na Republica.

Isso era bom, que já não houvesse vergonha!!

Mistico!

Lá foi o juiz da Relação alirado para Louãda.
Os de lá que são menos cidadãos que nós, que o gramem!
Na ponta da unha!

A redacção de o «Zé»

Ha por ahi algum sabio que me diga
Quein é o ilintia que asanvera,
Não ser republicana a Folha d'Hera,
Não ser da thalassada crua inimiga?

Tem razão para star como uma fera,
E eu vou defender a rapariga
M-cetona da velha guarda antiga
Que o Theophilo Braga bem venera!

Estou n'este hospital como um macaco,
Bem preso pela cintura adonçada*
Porém com saudinha cá no casco,

Para bem demonstrar, rapaziada,
Que nasci sem tendencia p'ra velhaco,
Que adoro o bello vinho e a vida airada!

* Rins

MALUQU MON

Verdades

No artigo que com este titulo publicamos no numero passado saíram algumas gralhas que rectificamos. Lê-se cithinas em vez de ultimas; devendo emendarmos por devendo concordar; occupavemo-nos por occupar nos hemus.

O seu revivir: tenha mais lume no olho se não quer ir para o olho da rua.

O ZÉ no theatro

O Pinto é um rapaz que tem trez ideias apaixonadas:

1.ª, A Revolução; 2.ª, O Theatro; 3.ª, A Cor-tiza.

Por estes trez ideias, é elle capaz de dar a vida e oito tostões...

Ora um dia o nosso Pinto teve que pôr á prova, mesmo sem querer, a sua dedicação pelos trez ideias. Como carbonario que era, foi chamado á rua dos Bacalhoeiros, onde um solemne e tragico barbassas lhe entregou uma pistola automatica, mandando-o marchar para um sitio designado.

Tremendo de jubilo... e de medo, ia pensando:

—Que diabo me quererão elles?... A coisa está feia, já isso está!! Mas que irão elles fazer? Será hoje?

(E o nosso Pinto, tremia como varas verdes) Que queremos fazer? Será a Revolução? A Republica?

Se n'aquelle tempo o theatro ex-D. Amelia, onde vae agora a «Papillon» já se chamasse

Republica estou certo que o nosso carbonario, por uma transição muito natural no pensamento, passaria a lembrança para o seu segundo apaixonado assumpto idealisado; e mesmo sem querer, ir-se-hia lembrando da lind peça «A Bi» que está em scena no

Nacional: da comedia «Ir a Roma» que, alternada com o applaudido «Rato Azul», vae no Gymnasio da «Ballerina» que se representa no

Apollon do «5 de Outubro» que está na Rua dos Condes da Divorciada que está alcançando um successo ruidoso no

Avenida e por fim o nosso grande heroe... da Rotunda, por certo, se havia lembrar do admirável «Raymonda» que está trabalhando

Colyen das Beccelas. Perto do Rato dois vultos negros e immovos parados junto do chafariz, metteram-lhe tal reccio que elle estacou enfiado. Os vultos negros sahindo em destaque da alvura da cantaria da parede, pareciam-lhe dois policas, e por isso elle — o duro carbonario — tinha medo de seguir.

Uma idea salvadora veio ajudal-o a sahir d'aquelle rascada. Metteu a pistola e as cargas dentro do coto, e avançou resolutio.

Aproximou-se mais; eram effectivamente dois policas. Sahiram-lhe ao caminho mandando-o fazer alto.

Um d'elles era muito inconveniente, enquanto o apalpar com modos brutos, ia-lhe perguntando, o que fazia por alli aquellas horas a «andar» sem ser «pirado» e finalmente, se não se costumava «agrupar» em grupos mais «di» um!

O segundo pelo contrario, era todo delicado e acabando de o revistar, pediu-lhe mil desculpas, mas elle bem sabia que aquillo eram ordens.

—Ora isso! — diz o Pinto, que acima de tudo era delicadissimo — O sr. está no exercicio das suas funcões! Eu é que peço desculpa...

E levando a mão ao chapeu, ia cumprimentar cortezemente, quando aos pés dos policas boquiabertos, se espalharam as cargas e a pistola!

O resto adivinha o leitor: «Calabrouço numero 1»...

JOÃO D'ALLEN.

ANIMATOGAPHOS

Quem andar aborrecido
Antes que inda mais se masse,
Vá ficar enternecido
Vendo as fitas
Tão catitas

Que ha no Chiado Terrace
E não se esqueça tambem
De ir ao Salão Ideal
Onde lindas fitas tem
Como no Salão Central
Nem olvide o Liberdade
Nem o Salão da Trindade
Vá seguindo a minha voz
Ao Rocio Palace e ao For
Onde ha coisas variadas
Não «squecendo» o Avenida,
E assim passe a triste vida
A ver fitas engraçadas.

A NACIONAL Typographia

encadernação

Trabalhos em todos os generos simples e de luxo

38, Rua da Conceição da Gloria (4 Avenida), 40

LISBOA

Mudança de esquadras



Já que a tal esquadra não se moveu venha você movendo-se para a esquadra.